

SARAH AND SON / 1930

um filme de Dorothy Arzner

Realização: Dorothy Arzner / Argumento: Zoë Akins, a partir do romance de Timothy Shea / Fotografia: Charles Lang / Montagem: Verma Willis / Som: Earl Hayman / Música: Oscar Potoker / Interpretação: Ruth Chatterton (Sarah Storm), Frederic March (Howard Vanning), Fuller Mellish, Jr. (Jim Grey), Gilbert Emery (John Ashmore), Doris Lloyd (Mrs. Ashmore), William Stack (Cyril Belloc), Phillippe de Lacy (Bobby).

Produção: Paramount-Famous Players-Lasky / Cópia: em 35mm, preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / Duração: 76 minutos / Estreia comercial: 14 de Março de 1930, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Estreado em 1930, **Sarah and Son** faz parte do ano mais prolífico da carreira de Dorothy Arzner enquanto realizadora. Sucedendo ao grande sucesso que havia sido **Wild Party** (1929), o filme representa o momento áureo de Arzner nos estúdios da Paramount, que nesses anos lhe garantiam uma enorme liberdade na realização e lhe disponibilizavam uma estrutura bem oleada, pronta para entrar ao seu serviço, o que foi sendo conquistando desde 1927, quando a cineasta assinou para a Paramount a sua primeira longa ainda muda, **Fashions for Women**. Em 1929 **The Wild Party** havia sido um marco em múltiplos sentidos, nomeadamente pelas inovações técnicas ao nível do uso do som nesse primeiro filme sonoro da Paramount, em que Arzner teve a oportunidade de experimentar um engenhoso sistema de gravação da sua lavra, que continuou a desenvolver em **Sarah and Son** e nos dois filmes que assina nesse mesmo ano: **Anybody's Woman** e um segmento para o filme colectivo da Paramount (**Paramount on Parade**), em que é a única mulher entre dez homens na realização. Arzner dirige aí a sequência **The Gallons Song – Nichavavo**, que figurará ao lado de outras de Ernst Lubitsch, Otto Brower, Lothar Mendes, ou Frank Tuttle.

E o que distinguia o cinema de Arzner do dos seus colegas realizadores desse mesmo período? Percebemo-lo claramente em **Sarah and Son**, filme “pré-código” como só assim o poderia ser, e que não fazendo explodir os limites do permitido em Hollywood antes de se instaurar a polícia dos costumes como acontecerá com a radicalidade de **Merrily We Go to Hell** (1932), partilha com ele um mesmo arrojo verbal e a radicalidade de nos devolver uma perspectiva do mundo assumidamente feminina, numa indústria e num mundo que lhe é adverso. Com isto referimos não apenas uma panóplia de temas pouco vistos no cinema de então (e de hoje) ligados ao quotidiano das mulheres, mas também o modo como são abordados de um ponto de vista diferente do habitual, que se manifesta num olhar crítico, mas também muito inteligente e bem-humorado sobre as aspirações femininas e as desigualdades ao nível dos “deveres” matrimoniais, tanto em termos conjugais como ao nível dos filhos e da carreira de cada um em relações heterossexuais. Judith Mayne debruça-se sobre estas questões numa biografia que dedicou à realizadora – *Directed by Dorothy Arzner*, 1994 – em que examina longamente a sua carreira e recepção crítica de um ponto de vista assumidamente feminista. Convém referir que foi a crítica feminista que “redescobriu” Arzner nos anos

setenta, muitos anos depois de os seus caminhos se terem deixado de cruzar com os de Hollywood (a não ser através do ensino do cinema).

O protagonismo de **Sarah and Son** cabe a Ruth Chatterton, que é Sarah, a jovem cantora de vaudeville empenhada em recuperar o filho, raptado pelo marido e entregue a um casal endinheirado. Chatterton será nomeada para o Óscar de melhor actriz desse ano pela sua versatilidade de interpretação de uma personagem em ascensão social, da pobre imigrante actriz de vaudeville com pronúncia estrangeira cerrada, a virtuosa cantora de ópera, que regressa aos Estados Unidos depois de uma fulgurante carreira nos palcos alemães. Juntas fariam ainda **Anybody's Woman**, a já referida longa seguinte de Arzner. Ruth Chatterton contracena com Fredric March, no papel de advogado que a apoiará na luta pela criança, com muitas voltas e reviravoltas. Foi sob a direcção de Arzner que Frederic March se havia estreado no cinema com **Wild Party** e aqui prossegue uma série de excelentes representações. Em **Sarah and Son** é uma personagem com espessura e “espinha dorsal”, ao contrário de muitas outras personagens masculinas dos filmes de Arzner, devido às quais a realizadora foi várias vezes criticada. Entre elas Jim Grey, que em **Sarah and Son** encontramos no papel do desgraçado marido, desempenhado por Fuller Mellish, Jr., que faleceria algum tempo depois da estreia do filme.

Melodrama exacerbado, **Sarah and Son** contrasta com as comédias mais divertidas de Arzner, mas prima pelos seus truques de argumento. O argumento é de Zoë Akins a partir de um romance de Timothy Shea, correspondendo à primeira das colaborações de Akins com Arzner, que sempre enalteceu as qualidades de um bom argumentista para a qualidade final de um filme. Dramaturga e guionista de renome, Akins assinaria por exemplo o guião de **Camille** (1936), de George Cukor. Melodrama tão ao gosto do público feminino da época, **Sarah and Son** afirma-se também como filme desajustado da norma dado o carácter pouco convencional de uma personagem como Sarah. A sua perspectiva é a das restantes personagens femininas de Arzner, mulheres independentes e com um espírito livre, que na Hollywood de então se destacavam pela sua ousadia. **Sarah and Son** surpreende pelas suas qualidades de *mise en scène*, mas também por uma extraordinária liberdade, que nos faz acreditar que há outras formas de contar as mesmas e outras histórias, olhadas a partir de pontos de vista diferentes. Pensamos neste filme de Arzner e pensamos nalguns dos grandes melodramas de Douglas Sirk. E hoje, tantos anos depois, ainda ficamos surpreendidos pela modernidade e dimensão subversiva de um filme como **Sarah and Son** num mundo cinematográfico pós-código Hays, mas ainda altamente codificado.

A título histórico é muito interessante referir que **Sarah and Son**, na sua qualidade de obra na transição para o sonoro, está na origem de vários “filmes-gémeos” realizados para públicos de diferentes países e em diferentes línguas. Para Portugal e Brasil seria realizado **A Canção do Berço**, produzido nesse mesmo ano pela Paramount nos estúdios franceses de Joinville, maioritariamente com actores portugueses, entre os quais Corina Freire, no papel de Sarah. Primeiro filme falado em português realizado por Alberto Cavalcanti, que muito se arrependia dessa experiência para a qual foi contratado e que considerava fracassada, **A Canção do Berço** é hoje um filme dado como perdido, cuja génese nos evoca esses primeiros anos do sonoro. Anos de uma intensa experimentação, como o foram os das grandes transições tecnológicas, e como tão bem revela **Sarah and Son**. Desapareceu a “cópia”, mas resistiu o “original” e o privilégio de o podermos continuar a ver nos dias de hoje.

Joana Ascensão